



---

ÁREA TEMÁTICA: Arte, cultura e comunicação

---

A produção de um equipamento cultural urbano: sobreposição de camadas temporais e dinâmicas sociais. O exemplo do Fórum Cultural de Ermesinde

---

AGUIAR, João Valente

Aluno finalista da licenciatura em Sociologia, FLUP

joaovalenteaguiar@gmail.com

---

### Resumo

A valorização dos equipamentos culturais ocupa, cada vez mais, uma nova dupla centralidade: no domínio da Sociologia da Cidade e, noutro plano, no domínio da produção dos espaços colectivos de sociabilidades culturais. Neste artigo procuramos evidenciar como um equipamento cultural específico tem em si incorporado camadas temporais distintas e, simultaneamente, apreender a relação entre o passado e o presente impressa material e simbolicamente no referido edifício e quatro vectores sociais específicos enunciados por outros tantos autores. Por conseguinte, as implicações da governança urbana nos moldes apontados pelo modelo do empreendedorismo (Harvey), do *campo cego* do mundo urbano (Lefebvre), da relação entre a *destruição criadora* das identidades e o papel das ruínas, dos monumentos e dos museus no recentramento daquelas (Carlos Fortuna) e do fenómeno urbano-arquitectónico do *wrapping* (Jameson), constituem-se como eixos essenciais para a compreensão do nosso objecto de estudo.

Palavras-chave: Espaço público; produção cultural; camadas temporais; pós-modernismo





«À forma dos novos meios de produção, que ao princípio era dominada pela dos antigos, correspondem, na consciência colectiva, imagens nas quais o novo e o antigo se interpenetram. Estas imagens são imagens ideais e nelas o colectivo procura, a um tempo, suprimir e transfigurar a imperfeição do produto social, bem como as deficiências do sistema social de produção. Além disso, estas imagens, construídas pelo ideal, exprimem uma intensa vontade de criar distâncias relativamente ao que é antiquado, quer dizer, o passado mais recente. Estas tendências orientam para o passado antigo a imaginação plástica activada pelo novo».

*Walter Benjamin*

## 1. Introdução

Tendo como pano de fundo a integração de uma moderna galeria de exposições e de um auditório com cerca de 500 lugares no interior da antiga Fábrica da Telha de Ermesinde, o Fórum Cultural desta cidade consome a edificação de um equipamento cultural singular. Singular porque, por um lado, pretende afirmar-se como uma nova centralidade na vida cultural da cidade e, por outro lado, por consubstanciar uma modalidade de instituição social e cultural que na sua configuração arquitectónica consagra quatro camadas temporais. Naturalmente, tais camadas temporais não repercutem enunciados vazios de significado social. Pelo contrário, como procuraremos demonstrar ao longo do artigo, tempo e sociedade coabitam entre si, articulando complexas interacções que importa dar conta.

Com efeito, o nosso trabalho pretende diagnosticar como passado, presente e futuro (previsível e postulado por uma determinada dinâmica social) se espelham num determinado equipamento cultural. Desse modo, interessou-nos perceber de que maneira um edifício cultural que à primeira vista poderia parecer um objecto cristalizado, na verdade tem em si inscritas dinâmicas sociais e temporais específicas de uma realidade cultural mais vasta. Nesse sentido, o Fórum Cultural, no que respeita à sua estrutura arquitectónica, parece congrega quatro modalidades específicas de produção cultural e temporal.

### 1.1. Henri Lefebvre e os campos cegos

O francês Henri Lefebvre destinou grande parte da sua produção teórica à problematização da construção do espaço social e do espaço físico e como ambos interactuam nas sociedades contemporâneas. Nesse quadro, Lefebvre concebeu a cidade e os equipamentos urbanos como redes sociais cravejadas por interesses, propósitos e relações de forças entre agentes sociais colectivos e individuais. No que considerou como um espaço intersticial entre esses «campos de forças e de conflitos», Lefebvre identificou «campos cegos» (Lefebvre, 2004, p.37). Para o autor francês os campos cegos designariam e seriam designados. Quer dizer, os campos cegos *designariam* o ângulo espaço-temporal que percorria as dinâmicas sociabilitárias das cidades contemporâneas e onde a sua obscuridade seria resultado, por sua vez, do facto de muitas das vezes os cientistas sociais trabalharem a partir de categorias fornecidas directamente «pela prática e pela teoria da industrialização» (idem, p.38). Portanto, tais campos seriam cegos porque *designados* a partir de conceitos exportados de fora das ciências sociais e do seu contexto social de referência. Para Lefebvre o controlo dos espaços urbanos pelas elites económicas e políticas exigia a profusão de termos tornados em categorias teóricas que impediriam uma mais profunda apreensão desses campos cegos. Por exemplo, o municiamento de termos como planeamento urbanístico, ordenamento do território ou centralidade urbana nos mesmos moldes com que as instituições políticas os usam, poderia constituir um factor de enviesamento da teoria social urbana, bem como um condicionador do descortinamento dos campos cegos.

No respeitante à nossa problemática, o conceito de campos cegos de Lefebvre reveste pertinência no sentido em que o autor integra o cruzamento de dinâmicas sociais e temporais no seio do tecido territorial



urbano. Fundamentando que o espaço urbano contemporâneo abarca um domínio cunhado de «diferencial», Lefebvre justifica que

«as diferenças que emergem e se instauram no espaço urbano não provêm do espaço enquanto tal, mas do que nele se instala, reunido, confrontado pela/na realidade urbana. Contrastes, oposições, sobreposições e justaposições substituem os distanciamentos, as distâncias espaço-temporais» (idem, p.117).

Por outras palavras, a sobreposição de camadas temporais na tessitura urbana – repetimos, na sua componente física e infra-estrutural e na sua dimensão relacional entre os agentes sociais – é um dado a ter em linha de conta na análise dos campos cegos que se estruturam nas cidades. A inserção destas dinâmicas temporais – que nunca deixam de ser sociais já que decorrem dentro de um contexto específico e ajudam a produzir esse próprio contexto – na malha urbana significa que nas cidades e nos seus equipamentos condensam-se diversificados e diferenciados espectros temporais, não havendo, por isso, uma única linha temporal a uma sua abordagem.

Adicionalmente, a centralidade da cidade como modo de organização territorial e espacial típico das sociedades capitalistas, convoca um leque de vectores temporais que interceptam passado, presente e futuro. Isto é, respectivamente, tradição, administração territorial e horizonte de expectativas. *Tradição*, no sentido em que o património físico e as práticas sociais não se expressam em contextos históricos estanques, mas que se objectivam na própria construção do presente, dos equipamentos existentes no presente. *Administração territorial*, na medida em que a configuração do espaço urbano implica a aplicação de políticas públicas e privadas que nunca se desligam em absoluto de grupos e classes sociais dominantes e das suas formas de organização social e económicas vigentes num período de tempo. *Horizonte de expectativas*, pois os comportamentos dos agentes não se desconecta das suas aspirações sociais, dos estilos de vida vivenciados e a vivenciar, nem das representações supra-individuais que modelam os futuros múltiplos que diferentes agentes e grupos constroem e/ou pretendem construir.

Em suma, não é despidendo o argumento de Lefebvre de que as camadas temporais presentes no espaço urbano se encontram «superpostas, interpenetradas, absorvidas, umas nas outras» (idem, p.117). Transpondo esta tese desenvolvida num elevado grau de abstracção para a matriz socioeconómica das sociedades contemporâneas – o modo de produção capitalista – observa-se a espacialidade deste último (a produção de lucro) obedece a uma moldura temporal onde se entrecruzam vectores temporais distintos mas mutuamente agrupados. Segundo Lefebvre, «a estratégia do capitalismo» para as cidades «vai muito mais longe que a simples venda, pedaço por pedaço, do espaço» (idem, p.143), como a especulação imobiliária, a concentração de instituições financeiras e empresariais nos centros das grandes cidades, ou a reconversão de espaços de consumo em alavancas de realização de valor económico. No fundo, o capitalismo comporta elementos culturais e ideológicos adstritos que importa atender. Nesse capítulo, a produção de um campo cego de forças sociais e temporais subterrâneas e deslocadas do olhar imediato dos agentes consubstancia a pavimentação de um solo ideológico e simbólico que não tem apenas efeitos nas estratégias de dominação social, mas também na estruturação de toda a vida social.

Relativamente ao Fórum Cultural de Ermesinde, afiança-se relativamente acessível que na sua estrutura arquitectónica se cruzam várias camadas temporais e sociais no seu seio. Sobre estas consagraremos o espaço das próximas secções deste ensaio.

## **1.2. Harvey e a governança urbana regida pelo empreendedorismo**

Nos seus estudos sobre a relação entre o capitalismo e a organização territorial das cidades, David Harvey considera que o traço mais constante desse relacionamento passa por um «ajuste espacial permanente»



(Harvey, 2005, p.113). Na prática, isto significa que os variáveis índices de autonomia relativa das esferas espacial e da acumulação de capital vão-se concatenando e ajustando entre si, de modo a manter a coesão social e territorial do sistema social global.

Enfocando as transformações operadas nas últimas três décadas no tecido social e económico ocidental, o geógrafo britânico enfatiza que uma lógica de índole económica e política como o neoliberalismo não está isolada de vectores anexos na esfera da produção do espaço social e territorial. Assim, surge o que o autor designa por empreendedorismo na governança urbana. «O novo empreendedorismo tem como elemento relevante a noção de parceria público-privada, em que a iniciativa tradicional local se integra com o uso dos poderes governamentais locais, buscando e atraindo fontes externas de financiamento e novos investimentos» (idem, p.172). Por outro lado, há uma passagem do risco de edificação de novos equipamentos urbanos do domínio nacional e do governo central para as municipalidades. Em Ermesinde, podemos assistir a estes dois aspectos do novo empreendedorismo. Tanto na envolvimento do equipamento – onde se construíram novos conglomerados habitacionais de luxo e onde se instalaram um conjunto de serviços como um banco, uma farmácia, um laboratório de análises clínicas, um instituto de línguas e diversas lojas, na sua maioria, com um relativo grau de sofisticação económica e de fomento de uma determinada distinção social – como dentro do espaço do Parque Urbano onde se situa o referido Fórum Cultural – onde se edificou um café e um restaurante modernos (vd. Imagem 2), bem como de um ginásio – a rentabilização negocial em torno deste equipamento é particularmente notória. De facto, a potenciação de investimentos propriedade de uma classe média alta por parte da Câmara Municipal de Valongo, parece ilustrar que a dinâmica inerente ao Fórum Cultural passa precisamente pela assunção da construção de um equipamento cultural central que, por seu turno e num movimento correlativo, corresponda à revitalização de nichos de comércio e de serviços pertença de uma determinada fracção de classe em ascensão na cidade. Particularmente de uma fracção de classe que não sendo dominante no quadro da formação social portuguesa, é-o na conjuntura do concelho de Valongo, mais ainda na cidade de Ermesinde, a maior cidade daquele município.

Entretanto, lancemos outro dado para a discussão. Outra das vertentes do empreendedorismo veiculadas por Harvey passa pelo maior enfoque conferido «à economia política do lugar do que ao território» (idem, p.173). Quer dizer, por território David Harvey entende por «projectos económicos (habitação, educação, etc.) idealizados principalmente para melhorar as condições de habitação ou de trabalho numa jurisdição específica» (idem). Por seu lugar, o centramento na economia política do lugar vai «da intervenção no mercado local de trabalho mediante programas de requalificação ou pressão para redução dos salários locais» (idem) até à reorganização espacial dos sustentáculos classistas – as elites locais, sobretudo – que suportam uma autarquia. É em torno desta segunda dinâmica que ganha força a tendência de construção do Fórum Cultural de Ermesinde e, acima de tudo, do tipo de inserção urbanística que acabou por justificar. No fundo, o postulado veiculado pelas teses do empreendedorismo de que a funcionalidade de um equipamento cultural se expressa por intermédio da criação de oportunidades de negócio, parece encontrar correspondência na área urbana constituída pelo Fórum Cultural e pelas suas imediações mais próximas. Dizemos parece, na medida em que estamos aqui a trabalhar mais em cima de propostas exploratórias a testar do que com resultados empíricos mais sólidos. Contudo, o argumento central de que se encontra uma lógica de empreendedorismo na edificação do Fórum Cultural de Ermesinde em detrimento de uma vasta zona de lazer despojada de lógicas mercantis – como o próprio PDM da Câmara Municipal de Valongo inicialmente contemplava – é, a nosso ver, um dado presente. No fundo, a asserção de Harvey de que «a governança urbana» regida pelos princípios do empreendedorismo «orientou-se muito mais para a oferta de um “ambiente favorável aos negócios”» (idem, p.180), encontra confirmação no que ocorre no complexo urbano em torno do Fórum Cultural de Ermesinde.

Em síntese,

«podemos identificar uma conexão vital entre a ascensão do empreendedorismo urbano e a inclinação pós-moderna para o projecto de fragmentos urbanos em vez do planeamento abrangente, para a efemeridade e



para o ecletismo da moda e do estilo em vez da busca de valores duradouros, para a citação e para a ficção em vez da invenção e da função» (idem, p.183).

### **1.3. Carlos Fortuna, o novo, o velho e a reconstrução das identidades**

O recurso às contribuições de Carlos Fortuna prende-se com a necessidade de se problematizar a presença de uma camada temporal específica no corpo arquitectónico do Fórum Cultural de Ermesinde: o passado e o lado de ruína industrial ali presente. Um dos pontos de maior interesse levantados pelo sociólogo português tem que ver com a relação efectuada entre o plano da subjectividade humana e a intersecção de tempos na ruína: «na reconstituição das identidades está envolvido um processo dinâmico de constante confronto do velho com o novo» (Fortuna, 1999, p.24). Centrando mais as teses do autor no nosso objecto de estudo, observa-se que fazem sentido as seguintes palavras: «tal como no desenrolar evolutivo do sistema capitalista, também as identidades sociais estão sujeitas a um processo de destruição criadora, no sentido da incessante redefinição dos traços identitários matriciais e de auto-validação pública dos sujeitos» (idem). Assim, as ruínas, os traços materiais do passado corporizados num equipamento cultural resguardam uma função de uma certa «actualização do passado e que dão vida» (idem, p.29) aos agentes sociais. Isto quer dizer que os edifícios incorporam dinâmicas temporais e que estas dialogam intimamente com as identidades dos sujeitos. Portanto, com representações individuais e com significações – culturais ou ideológicas – colectivas. No fundo, no caso das camadas temporais inscritas em novos edifícios podemos avançar que «estimulam a construção imaginada do presente» (idem, p.30). Dado o supramencionado estado exploratório deste estudo, não nos embrenharemos a fundo na forma como os agentes sociais apreendem significacionalmente um determinado equipamento cultural, no caso o Fórum Cultural de Ermesinde, mas antes no que este difunde em termos das suas coordenadas simbólicas.

O nó de ligação onde se enovelam identidade, passado, presente e reconfiguração do tecido urbano passa, naturalmente, pela presença, pelo lugar e pelo papel de mediador dos equipamentos urbanos de chamariz, como o Fórum Cultural. De facto, a presença do passado no Fórum de Ermesinde reveste-se de importância acrescida na medida em que esse passado surge subsumido à lógica do presente. Lógica social, económica e temporal do presente. Do passado subsiste uma fachada da antiga Fábrica da Telha, o interior da galeria de exposições – que é um dos corredores da antiga unidade fabril – e dois dos seus altos-fornos, como ícones máximos do passado industrial da cidade de Ermesinde. Esse passado não tem, todavia, apenas uma vertente decorativa. Antes é «uma sequência, um traço de união entre dois momentos temporais» (idem, p.33), o que quer dizer que esse passado não surge na sua inteireza mas é filtrado pelo presente, revelando as conexões que a este último mais colhem interesse. O passado contemplado galvaniza, de um lado, o passado glorioso – daí o realce dado aos altos-fornos – do que alguns autores chamam das actuais sociedades pós-industriais (Bell, entre outros). De outro lado, o passado presente no corpo do edifício aponta para uma obliteração da actividade social que ali se desenrolava preteritamente: ou seja, o trabalho. Que as modalidades técnicas e até mesmo jurídicas do trabalho de hoje sejam distintas das do passado, nada nos deve levar a crer que a actividade de produção e circulação de valor económico a partir do despojamento de uma larga camada da população dos recursos sociais de produção, isto é, o trabalho assalariado, tenha desaparecido. Desse modo, a omissão do trabalho ou, se se preferir, o seu congelamento temporal como se de um fóssil arqueológico se tratasse, ajuda a criar novos veios simbólico-ideológicos de significação colectiva e individual que procuram fazer crer que vivemos em sociedades unicamente ancoradas no conhecimento e na informação, onde o trabalho humano, e mais concretamente o trabalho assalariado produtor de mercadorias, seria uma relíquia do passado. Por conseguinte, o equipamento cultural de constituição de novas centralidades urbanas agrega tendências sociais e dinâmicas temporais que evidenciam que a produção ideativa de representações colectivas e de identidades – as teses do fim da história, do trabalho e das classes sociais, ou a reificação em torno da sociedade do conhecimento (como se este não fosse produzido pelo labor humano mas um recurso apriorístico e apreendido quase naturalmente) – por um lado, se expressam na própria edificação de equipamentos



urbanos e, por outro lado, como estes equipamentos redimensionam tendências sociais gerais e lhes dão uma concreção mais palpável e real.

Todo este domínio de problematização parece ir ao encontro da «tendência para uma generalizada estetização do quotidiano e a mercadorização do próprio tempo e da própria memória» (idem, p.35). No fundo, a estetização do passado – reduzindo-o a uma discursividade imagética de celebração e de memória descontextualizada das situações concretas de sociabilidade que ali existiam – auxilia e complementa o processo de configuração urbana pautado pela partitura da governança urbana regida pelo empreendedorismo.

#### 1.4. Jameson e o *wrapping* arquitectónico: uma conclusão provisória

A presença marcante da imagem na realidade cultural contemporânea mais recente imprime novos contornos à própria arquitectura. Pelo menos, essa é a posição de Fredric Jameson. Para este pensador norte-americano os «edifícios pós-modernos parecem desenhados para serem fotografados» (Jameson, 1993, p.99), portanto, na sua dimensão estética, mais para impressionar pela sua dimensão visual e imediata do que pela sua monumentalidade, pela grandiosidade histórica, pela sobriedade das linhas ou pela riqueza (económica mas também estética) dos materiais. Portanto, edifícios impactantes visualmente e com uma carga imagética vincada, capaz de fazer sobressair mais os seus contornos estéticos e menos a sua função ou o seu enraizamento no complexo urbano circundante (vd. Imagem 3).

Nesse sentido, os edifícios construídos no quadro da realidade cultural do pós-modernismo correspondem ao «relaxamento relativamente às construções modernas, onde os seus elementos e componentes flutuam a uma certa distância uns dos outros quase que numa miraculosa suspensão, como as constelações» (idem, p.100). Por outras palavras, a sobreposição de camadas temporais (e correlativas dinâmicas sociais) num edifício quase que obedece ao princípio geológico descoberto por Charles Lyell no século XIX. Por baixo de um estrato de fósseis mais antigos suceder-se-iam camadas sucessivas de fósseis de outras espécies evolutivamente mais recentes. Analogicamente, o mesmo se passa no Fórum Cultural de Ermesinde. A uma camada industrial típica da primeira metade do século XX (apesar de ter perdurado até mais tarde), sobrepõe-se na sua construção uma camada arquitectónica do presente perpassado por traços geométricos lineares e por um auditório com uma forma de paralelepípedo oblíquo, como a imitar um objecto em ascensão. Parte superior do edifício com uma linguagem arquitectónica distinta da existente na parte inferior e, correlativamente, com uma linguagem social e temporal igualmente diferenciada. Realce-se, em simultâneo, que se é notória a integração entre as duas camadas arquitectónico-temporais dificilmente se pode concluir pela existência de uma unidade orgânica e relativamente fechada e acabada. De facto, presencia-se uma arquitectura onde o paralelogramo em que se situa o auditório do Fórum se destaca, como que se descolando da sua base. Essa camada está, obviamente, inserida no conjunto do edifício. Porém, ela denota uma forte independência, na medida em que tem níveis de auto-referência arquitectónica não necessariamente procedentes da estrutura da base. Temos, assim, mais uma colagem de elementos do que uma unidade orgânica.

O conceito de *wrapping* com que Jameson tomou de empréstimo da arquitectura entra aqui em palco não apenas porque surge como um suporte de duas camadas temporais distintas e que se integram num todo fragmentário. Na realidade, o *wrapping* «sugere a forma com que os organismos reagem a corpos estranhos» recorrendo, para isso, «a elementos extrínsecos ou extrassistémicos meramente por pertencerem ao passado» (idem, p.101). Noutros termos, a presença de uma galeria de exposições dentro de uma antiga galeria fabril denota o «efeito paradoxal de que» o novo e o presente «envolve o anterior», assimilando-o, «descodificando os seus elementos» (idem, p.103), forjando um novo olhar do passado a partir do presente. Nas suas consequências imediatas remetemos para o que afirmamos acima no ponto referente às contribuições de Carlos Fortuna. Um outro elemento a contemplar resume a forma como o novo, como o presente recodifica o passado e, dessa forma, substantiva um determinado futuro, um determinado horizonte de possíveis. Explicitando, a sublimação do passado e sua inserção no novo edifício



nos moldes abordados acima não apenas oblitera eventuais linhas de processualidade e de continuidade entre o presente e esse passado. Há que acrescentar os seus efeitos ao nível do seu projectar num horizonte temporal. Para além do discurso imagético de uma cidade (e de um seu equipamento nuclear) construída sobre os alicerces do passado e sob o impulso de um espírito de dinâmica e de iniciativa (algo que em pouco se diferencia dos discursos textuais das práticas de gestão empresarial preconizadas pelos CEO's dos grandes grupos económicos e *think tanks* neoclássicos existentes em fundações, universidades, etc.), existe uma outra dimensão de futuro aí existente e que envolve (*wrap*, em inglês) os agentes sociais da cidade.

No fundo, desenha-se o futuro de uma cidade onde face: a) às dinâmicas de empresariamento do tecido económico envolvente desse equipamento central e angular e do incremento das lógicas de mercantilização do consumo, do entretenimento e das sociabilidades; e b) à omissão do trabalho, procurando recalcar a produção dos meios, dos objectos e dos recursos sem os quais não há vida em sociedade para o domínio do inexistente; podemos concluir que:

1) no centro da vida humana estariam práticas de lazer contemplativas, expressivas e públicas despojadas de sociabilidades de tipo comunitário – onde todos os agentes sociais presentes naquele espaço comunicassem entre si – mas antes fecundas em unidades fragmentadas, com poucos elementos e monádicas entre si;

2) a actividade-trabalho não seria mais estruturadora e determinante na configuração das sociedades humanas. Apenas o entretenimento, sempre visto numa óptica de consumo e de fruição, representaria o horizonte de vida mais consentâneo com as novas realidades sociais;

3) o trabalho assalariado é igualmente obliterado – o que corresponde ao obscurecimento das relações sociais de dominação que o sustentam – e considerado uma naturalidade social, funcionando como um meio necessário para a realização pessoal e afectiva dos indivíduos na esfera do consumo. Esta seria o centro da vida humana, onde os agentes sociais accionariam níveis de racionalidade mais elevados. Os paralelos com as teses neoliberais e neoclássicas do *homo economicus* e da racionalidade imanente ao consumidor inscrito na lógica do mercado são por demais evidentes;

4) se as instituições de consumo e de prestação de bens e serviços funcionam de uma forma centrífuga e hierarquizada – divertimento e alimentação no centro do Parque Urbano, portanto, imediatamente ao lado do Fórum Cultural; lojas, farmácia, banco, residências, etc. numa cintura territorial seguinte – repare-se que estes complexos urbanos procuram elidir a esfera da produção de bens (materiais e imateriais). Os objectos a consumir em qualquer uma das áreas de consumo adjacentes ou em volta do Fórum Cultural aparentariam, assim, surgir do nada, como se não houvesse relações sociais que estivessem na base da sua produção. Assim, o ideal de mundo social apresentado por estes complexos urbanos concretiza-se na centralidade (ilusória) do consumo, na retirada de visibilidade do trabalho assalariado (como se quem está ao balcão de um estabelecimento comercial não fosse um trabalhador mas um servidor de bens e de serviços ao serviço do consumidor) e, finalmente, na redução da vida económica à compra e venda de mercadorias, desligando a esfera da circulação e da realização do capital e a correspondente do consumo do universo determinante da produção.

### Referências bibliográficas

FORTUNA, Carlos (1999), *Identidades, percursos e paisagens culturais*, Oeiras, Celta.

HARVEY, David (2005), *A produção capitalista do espaço*, São Paulo, Editora Annablume.

JAMESON, Fredric (1993), *Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism*, London, Verso.





LEFEBVRE, Henri (2004), *A revolução urbana*, Belo Horizonte, Editora da Universidade Federal de Minas Gerais.

## Anexos



Imagem 1 – Panorâmica do Fórum Cultural de Ermesinde. Função: lazer e cultura. Ermesinde, 2008



Imagem 2 – Panorâmica do restaurante (piso superior) e do café (piso inferior) situados junto ao Fórum Cultural de Ermesinde. Função: lazer. Ermesinde, 2008



Imagem 3 – Panorâmica geral do Parque Urbano, local onde se situa o Fórum Cultural de Ermesinde. Função: lazer e entretenimento. Ermesinde, 2008